

# Possibilidades abertas pela *web 2.0* na captação de dados sobre os usos dos discursos

*Alexandre de Bastos Pereira*<sup>1</sup>

**Resumo.** Neste ensaio procuro apontar medidas que poderiam ser adotadas no que concerne ao acervo da Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Atentando para o fato de que com o desenvolvimento de novas tecnologias - em particular a *web 2.0* - torna-se possível que sejam recolhidos mais dados sobre como discursos são utilizados, abrindo a possibilidade para que as estratégias discursivas sejam melhor elucidadas. De modo que a FBN, que atua na captação, preservação e difusão de discursos, poderia atuar também na captação de dados sobre como esses textos são utilizados fora da instituição.

**Palavras-chave:** Estratégias discursivas. *Web 2.0*. Representações. Captação de dados.

## Introdução

Admitindo-se que não existe um sentido *a priori* que se imponha sobre as experiências vivenciadas no presente por seres humanos, fica-se com a indagação de como cada objeto e cada situação tornam-se inteligíveis no cotidiano humano.

Contestado o sentido *a priori*, cabe também a ressalva de que uma vez que estabelecido não é possível dotar qualquer sentido de univocidade. Assim, colocamos a experiência, e o que a mesma venha a significar, circunscrita a determinado período histórico.

O argumento que embasa todo este ensaio é o de que: o mundo social, tal qual o apreendemos, é resultado de classificações, divisões e delimitações que servem para organizar a apreensão do que percebemos e apreciamos como sendo o real (CHARTIER, 2002). Entretanto, vale ressaltar que essa organização não é de todo

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisador-júnior do Programa de Apoio à Pesquisa da Fundação Biblioteca Nacional.

arbitrária nem consensual, concorrendo para a mesma variáveis distintas e em competição dos diversos grupos que conformam a sociedade. De modo que:

variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São esses esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado<sup>2</sup>

Assim, as representações construídas para tornar o mundo social inteligível não são de maneira alguma universais e nem mesmo neutras, os discursos, de quem quer que sejam, estão sempre referidos às pessoas - e aos grupos de que estas fazem parte - que os proferem. Atentar para este fato coloca em evidência que os discursos “produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”<sup>3</sup>.

A constatação de que não há neutralidade nas classificações, divisões e delimitações que são inerentes aos discursos foi fundamental para a minha atuação como bolsista pesquisador-júnior da Fundação Biblioteca Nacional. Visto que, como pesquisador-júnior, uma de minhas responsabilidades foi dar apoio ao projeto de Aquiles Ratti Alencar Brayner<sup>4</sup>, intitulado “Coleção BNDigital Afro-Brasileira: Novos Modelos de Difusão, Acesso e Reuso de Acervos Eletrônicos”.

Minha atuação no projeto de Brayner foi a de procurar imagens, selecionar as que tinham relação com a categoria afro-brasileiro (aqui já se evidenciava o primeiro conflito, pois muitas das imagens que, a meu ver, eram representativas, não eram categorizadas como afro-brasileiras, ou concernentes à cultura negra, pelas palavras chave em que foram circunscritas pelos curadores da Biblioteca Nacional), identificar a quem concernia os direitos autorais e daí subir essas imagens para a plataforma *Flickr*.

---

<sup>2</sup> CHARTIER, Roger. A história cultural: Entre práticas e representações. 2 ed. Portugal: Difusão Editorial, S.A, 2002, p. 17.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p.17.

<sup>4</sup> Aquiles Alencar Brayner é graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (Brasil) e em estudos latino-americanos pela Rijks Universiteit Leiden (Holanda). É mestre em literatura latino-americana pela Rijks Universiteit, mestre em Ciências da Informação pela Universidade da Cidade de Londres e doutor em Literatura Brasileira pelo King's College, da Universidade de Londres. Trabalha desde 2006 na British Library como Curador Digital, onde tem participado de vários programas e atividades relacionados a serviços e coleções digitais da instituição, incluindo projetos de digitalização, criação e controle de metadados, formação de bibliotecários e pesquisadores na utilização de conteúdos digitais, e concepção e desenvolvimento de plataformas interoperáveis para disseminação e agregação de acervos eletrônicos entre bibliotecas no Reino Unido e no exterior. Também é Pesquisador residente do Programa de Residência em Pesquisa na Biblioteca Nacional/2016.

Se por um lado eu obtivera uma imensa autoridade na seleção e publicação dessas imagens, por outro, o projeto de Brayner está inserido em uma nova perspectiva de curadoria, que dirrime sobremaneira a assimetria entre publicador de conteúdo e o usuário desse.

Seu projeto está em estreita relação com os desdobramentos ocorridos na área da informação proporcionados pela internet, uma vez que,

embora considerada ainda jovem, a web já passou por transformações de uso e aplicações. A princípio, a popularização possibilitou o modelo de comunicação onde muitos se comunicam com muitos porém com informações geradas de instituições para usuários. Este modelo ficou conhecido como sistemas top down, ou seja, de cima para baixo, onde as informações não são compartilhadas. Esta dinâmica foi se transformando ao longo do tempo e chegamos ao modelo denominado web 2.0, onde a interatividade passou a ser a característica preponderante.<sup>5</sup>

As fronteiras entre produção e consumo de informação são cada vez menos rígidas, permitindo que usuários atuem colaborativamente com os produtores, “são os sistemas chamados *bottom up*, onde é possível a ocorrência das relações interativas”<sup>6</sup>.

Assim, se por um lado as imagens foram circunscritas a uma categoria que de alguma maneira reproduz uma noção de unidade, de outro, dado o funcionamento do que é denominado como web 2.0, essa seleção e publicação no *Flickr*, abre a possibilidade para que os usuários reinterpretem, reclassifiquem e dotem de novo sentido o que foi colocado ali.

Se se aborda os temas de “cultura” e “identidade”, não como entidades, mas como projetos e processos, torna-se importante que,

em lugar de insistir em definir o que seria, por exemplo, a cultura afro-brasileira, por meio de infindas listas de itens e traços que nunca conseguem incorporar a imensa variedade de orientações da grande população afro-brasileira, tornando estático algo que está sempre em movimento, se desenvolvam métodos que ilustrem como diferentes atores têm produzido cultura, resistência e identidade em contextos diversos<sup>7</sup>

De maneira que, além de abrir uma frente para que as imagens tenham seu sentido reiterado ou ressignificado, o acervo de imagens no *Flickr* também serve como fonte de dados a ser pesquisado de acordo com os métodos supracitados.

---

<sup>5</sup> BARROS, Léa Maria de Souza . A folksonomia como prática de classificação colaborativa para a recuperação da informação. 2011. 90 p. PPGCI (IBICT)- UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p.14.

<sup>7</sup> SANSONE, Lívio. Que Multiculturalismo se quer para o Brasil?. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 59, n. 2, abr./jun. 2007, p.27.

Este ensaio advém portanto de uma preocupação em equacionar as práticas curatoriais conhecidas como *top down* com as intituladas *bottom up* e, levando a discussão um pouco mais à frente, apontar para a importância dos dados produzidos na interação característica do que se intitulou *Folksonomia*, como documentos bastante ricos para serem analisados e, nesse caso em particular, da importância de que a Biblioteca Nacional atue na captação desses dados.

## 1 Representações

Chamar a atenção para o fato de que as representações do mundo social não são “meros” reflexos de uma realidade, mesmo que historicamente delimitada, é reconhecer que os discursos também produzem realidade. Mesmo um documento burocrático, que pode ser observado sob a ótica de uma representação objetiva de determinada prática é um discurso modulado que só funciona uma vez que quem os lê seja capaz “de receber esses discursos e esses bens como seus, segundo uma concepção de valores que permitem articula-los, acima de tudo, como verdadeiro legado”<sup>8</sup>.

Tal como no pequeno conto de Jorge Luís Borges, “Del Rigor em la Ciencia”<sup>9</sup>, o extremo rigor científico levaria ao absurdo de que um mapa que representasse fidedignamente a realidade do território teria que ser do mesmo tamanho que o território representado.

Alcir Pécora, em um texto exegético sobre Boris Groys, escreve que

por ser um técnico da exibição, o âmbito da atividade do artista é a política, não a psicologia ou a sabedoria. O sentimento que um pensador ou artista possa ter de “atingir uma evidência” deve ser reinterpretado no contexto dos efeitos produzidos pela comparação de uma idéia nova com outras já conhecidas, e não numa chave de aproximação da verdade. O sujeito da construção artística, nessas condições, é o lugar de uma “incerteza”, de uma “indecidibilidade”, no âmbito de uma comparação deslocadora da idéia nova com as outras conhecidas com as quais entra em relação ou, mais literalmente, em disputa de espaço<sup>10</sup>.

Nesta chave de leitura, os discursos produzidos, não só por artistas, mas por qualquer um que produza discursos, passa a ser percebido não como reflexo de uma

---

<sup>8</sup> DAHER, Andrea (Org.). Passado Presente: Usos contemporâneos do "passado colonial" brasileiro. Rio de Janeiro: Gramma, 2017, p.XXIII.

<sup>9</sup> BORGES, Jorge Luis. Del Rigor en la Ciencia. Disponível em: <<http://ciudadseva.com/texto/del-rigor-en-la-ciencia/>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

<sup>10</sup> PÉCORA, Alcir. Um lugar sob o sol do além. Disponível em: <<http://sibila.com.br/critica/um-lugar-sob-o-sol-do-alem/12730>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

psicologia autoral, e nem mesmo como reflexo de uma “realidade” social, ou seja, não como coisa representada, mas como coisa representante<sup>11</sup>.

Nesta perspectiva, ao aproximar ideias novas com ideias já conhecidas, o autor, ao invés de revelar suas intenções mais íntimas e individuais traduz “as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse”<sup>12</sup>. É interessante marcar aqui que Chartier chama a atenção sobre a maneira com que atores sociais descrevem a sociedade, portanto por mais que traduza posições, os discursos não refletem a sociedade.

Uma vez abordada a perspectiva da produção, também se faz necessária a elucidação da perspectiva da leitura desses discursos. No que tange a produção, os textos serão aqui interpretados como produção de um novo discurso referido a outros tantos discursos, de maneira que “atingir uma evidência” é a capacidade de um autor de produzir novos efeitos ao aproximar ideias que não haviam sido aproximadas. Já no que concerne à recepção, não há transparência entre o produzido e o lido. O leitor tem sempre que ser referido a suas condições históricas e as posições sociais que ocupa - ambas variáveis – ao apropriar um texto.

Assim,

Os textos não são depositados nos objetos, manuscritos ou impressos, que o suportam como em receptáculos, e não se inscrevem no leitor como o fariam em cera mole. Considerar a leitura como um ato concreto requer que qualquer processo de construção de sentido, logo de interpretação, seja encarado como estando situado no cruzamento entre, por um lado, leitores dotados de competências específicas, identificados pelas suas posições e disposições, caracterizados pela sua prática do ler, e, por outro lado, textos cujo significado se encontra sempre dependente dos dispositivos discursivos e formais – chamemos-lhe ‘tipográficos’ no caso dos textos impressos – que são seus<sup>13</sup>.

Cabe aqui a elucidação – uma vez que o trabalho de curadoria realizado por mim no tempo em que fui pesquisador-júnior da BN, se deu pela seleção de imagens – de que as imagens também são discursos, e como tais também dizem respeito a tudo o que foi escrito até o momento. Para corroborar esse “parênteses”, é possível referir o que foi

---

<sup>11</sup> HANSEN, João Adolfo. Forma e Indeterminação em Grande Sertão: Veredas. Disponível em: <<http://sibila.com.br/mapa-da-lingua/forma-e-indeterminacao-em-grande-sertao-veredas/2251>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

<sup>12</sup> CHARTIER, Roger. A história cultural: Entre práticas e representações. 2 ed. Portugal: Difusão Editorial, S.A, 2002, p. 19.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 25-26.

exposto aqui ao artigo de Gláucia Villas Bôas, “Arte e geopolítica: a lógica das interpretações”, em que a autora se posiciona criticamente quanto a determinadas imposições de sentido características de um paradigma que interpreta as obras por critérios de natureza geopolítica. Conforme escreve a autora,

a busca de uma cultura brasileira própria e singular, concomitante à inserção do país nos movimentos de universalização da cultura, estimulou uma produção notável, porém, em contrapartida, gerou categorias de classificação dos objetos culturais com base em fundamentos geopolíticos que não fazem jus à dimensão própria da arte, nem mesmo às práticas sociais voltadas para a criação artística, se seguirmos aqui uma perspectiva sociológica *strictu sensu*. As categorias centro/periferia, por exemplo, utilizadas muitas vezes para distinguir a produção cultural, estabelecem *a priori* uma relação de dominação e poder, relegando ao segundo plano as nuances finas que definem a circulação e a interação de objetos e pessoas que geram trocas recíprocas, iguais, desiguais – por vezes, ao mesmo tempo, iguais e desiguais<sup>14</sup>

Referir os discursos ao contexto em que foram produzidos não implica tomar esse contexto como dimensão privilegiada de interpretação, tal aproximação tomaria a sociedade como um *a priori*. Atentar ao contexto e ao mesmo tempo à lógica interna da produção de textos possibilita um enorme enriquecimento da análise. Uma vez que nenhum texto estabelece uma relação imediata com as práticas de produção, cabe ao pesquisador referir esses textos às suas modalidades específicas de produção e, concomitantemente, aos interesses e intenções que levaram a sua elaboração, nesse sentido,

Reconstruir as regras e os limites que comandam as práticas da representação letrada (...) é, por consequência, uma condição necessária para decifrar corretamente o laço forte, porém sutil, que une essas representações e as práticas sociais que constituem seu objeto<sup>15</sup>

Elucidado o contexto de produção, é possível então referir os discursos às apropriações que o mesmo sofre ao longo do tempo, e como essas apropriações articulam demandas - diversas das articuladas no contexto em que o texto foi produzido - em outro presente.

Levando-se em consideração as apropriações, ainda é preciso fazer a ressalva de que estas não se devem a uma mera desigualdade na distribuição e acesso desses discursos, mas sim a empregos diferenciados – esta perspectiva será abordada de

---

<sup>14</sup> BÔAS, Gláucia Villas. Arte e geopolítica: a lógica das interpretações. Sociedade e Estado, Brasília, v. 26, n. 3, p. 487-499, set. 2011, p. 487.

<sup>15</sup> CHARTIER, Roger. "Cultura Popular": revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, out. 1992, p.188.

maneira mais aprofundada mais à frente, quando será abordado, de maneira mais particular, os diversos usos que foram realizados dos objetos compreendidos como representativos da cultura afro-brasileira -, “nos usos contrastantes dos mesmos bens, dos mesmos textos, das mesmas ideias”<sup>16</sup>, de maneira que “não se trata de qualificar socialmente *corpus* tomados no seu todo, mas de caracterizar práticas que se apropriam de modo diferente dos materiais que circulam em determinada sociedade”<sup>17</sup>. Grupos e indivíduos fazem os mais diversos e contrastantes usos de objetos que são partilhados, e não circunscritos.

Outra questão que vale ser levantada é a de que as clivagens entre os grupos não são nada simples, entrando na equação os mais diversos fatores que contribuem para diferenciações, assim, o ordenamento do corpo social

Obedece a vários princípios que manifestam as distâncias ou as oposições entre os homens e mulheres, citadinos e rurais, protestantes e católicos, e também entre as gerações, as profissões, os bairros [...] pertenças sexuais, territoriais ou religiosas [são] também plenamente sociais e susceptíveis de explicar, tanto ou melhor do que a oposição entre dominantes e dominados, a pluralidade das práticas culturais<sup>18</sup>

Entretanto, essas apropriações não se fazem em um vazio discursivo que permite o mais alto grau de arbitrariedade. Há nos discursos uma tensão entre disciplina e invenção, que se dá não de maneira antitética, porém geridas a par, uma vez que

todo o dispositivo que visa criar controle e condicionamento segrega sempre táticas que o domesticam ou o subvertem; contrariamente, não há produção cultural que não empregue materiais impostos pela tradição, pela autoridade ou pelo mercado e que não esteja submetida às vigilâncias e às censuras de quem tem poder sobre as palavras ou os gestos [...] o que é preciso reconhecer é o modo como se articulam as liberdades condicionadas e as disciplinas durrubadas<sup>19</sup>.

Assim, o leitor, por mais que submeta os textos a uma prática criadora, é também tido, pela perspectiva dos produtores (autor, comentador, editor), como um elemento que deve se sujeitar a um sentido único do texto, daí a importância de levar em consideração também as estratégias das quais os produtores lançam mão para tentar

---

<sup>16</sup> CHARTIER, Roger. A história cultural: Entre práticas e representações. 2 ed. Portugal: Difusão Editorial, S.A, 2002, p.136.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p.136.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p.134-135.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 137-138.

impor essa ortodoxia. Leitores e produtores entram aqui como elementos que dizem respeito às estratégias que organizam a leitura e as leituras efetivas.

Vale lembrar também que,

Contra a representação, elaborada pela própria literatura, do texto ideal, abstrato, estável porque desligado de qualquer materialidade, é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor. Daí a necessária separação de dois tipos de dispositivos: os que decorrem do estabelecimento do texto, das estratégias de escrita, das intenções do ‘autor’; e os dispositivos que resultam da passagem a livro ou a impresso, produzidos pela decisão editorial ou pelo trabalho da oficina, tendo em vista leitores ou leituras que podem não estar de modo algum em conformidade com os pretendidos pelo autor. Esta distância, que constitui o espaço no qual se constrói o sentido<sup>20</sup>

Aqui é possível acrescentar à livro e impresso, a web, no que concerne às formas pelas quais os textos chegam aos leitores. Essa última de suma importância para o objetivo deste ensaio.

Ainda no que diz respeito à materialidade dos discursos, e mais uma vez apontando para a multiplicidade de plataformas em que os discursos são proferidos, é interessante fazer referência ao terceiro capítulo – “Medium and Materiality – do livro de Martha Buskirk, intitulado “The Contingent Object of Contemporary Art”. Neste a autora reflete sobre como o meio empregado em uma obra de arte ganha cada vez mais saliência para os artistas contemporâneos. Na arte contemporânea a tela passa a ser entendida somente como mais um suporte para a arte e os artistas passam a compreender o meio como parte da mensagem, é nesse sentido que Buskirk escreve que

One striking feature in the work of several younger generations of artists who came to prominence in the 1980s and 1990s, and whose work incorporates allusions to art of the preceding decades, has been a careful attention to formal and material decisions not as an end in themselves, but as a means of addressing a wide range of cultural as well as personal references<sup>21</sup>

Assim, não pode ser esquecido que tanto os textos, quanto o acervo iconográfico digitalizados pela equipe da BN entram no universo discursivo de maneira diversa do que acontecia quando a plataforma era impressa.

## **2 A categoria afro-brasileiro**

---

<sup>20</sup> *Ibidem*, p.126 -127.

<sup>21</sup> BUSKIRK, Martha. *The Contingent Object of Contemporary Art*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2003, p. 136.



Uma vez explicitado que as categorias de representação, que organizam o real tal como o apreendemos, “embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza”<sup>22</sup> - lembrando que o uso desses discursos diz respeito a leitores, autores, editores e a própria materialidade do texto -, faz-se necessário agora a aproximação dessa perspectiva com os estudos mais específicos voltados para as representações do que seria afro-brasileiro.

Primeiro vale ressaltar que afro-brasileiro, neste ensaio, será tratado como a criação ativa de “uma cultura e [de] uma ‘África’ próprias”<sup>23</sup>, realizada no Novo Mundo<sup>24</sup>, por negros que

tiveram que redefinir, geralmente em um curto período de tempo, e sob pressão intensa, o que seriam suas culturas e como elas se manifestariam (ou como deveriam se manifestar). Suas novas culturas tinham de significar algo e ser inteligíveis para os próprios negros<sup>25</sup> - que no início provinham geralmente de origens diversas – bem como, embora de outra forma, para os brancos<sup>26</sup>.

Entretanto, o reconhecimento do dinamismo de qualquer representação não é tão recente assim, em um ensaio intitulado “Negritudes e racismos globais? Uma tentativa de relativizar...”, Sansone, atentando para os perigos potenciais de visões universalizantes, traz três abordagens que foram tomadas, por algum tempo, como “grandes verdades”.

A primeira delas diz respeito a idéia de negritude, desenvolvida a partir dos anos trinta do século XX, sobretudo no mundo francófono<sup>27</sup>, de que os negros, “tanto na

---

<sup>22</sup> CHARTIER, Roger. A história cultural: Entre práticas e representações. 2 ed. Portugal: Difusão Editorial, S.A, 2002, p. 17.

<sup>23</sup> SANSONE, Lívio. Os objetos da identidade negra: consumo, mercantilização, globalização e a criação de culturas negras no Brasil. Mana. 2000, vol.6, n.1, pp.87-119, p. 87.

<sup>24</sup> Mais particularmente no Brasil – uma vez que, por mais que sejam identificadas tendências globais, é importante o dado local (vale lembrar que o nós, Brasil, nação, é tão múltiplo e polifônico quanto o nós África, afro, primeiro termo da palavra hifenizada, África lembrada no Novo Mundo).

<sup>25</sup> Aqui o autor insere uma nota importante em que se lê, “a pesquisa histórica recente mostra que as ‘culturas negras’ começaram a ser formadas já na África, antes do início do comércio transatlântico de escravos, com os primeiros encontros com os missionários católicos ou ao longo da costa africana, onde os deportados frequentemente tinham de esperar anos até sua passagem” SANSONE, Lívio. Os objetos da identidade negra: consumo, mercantilização, globalização e a criação de culturas negras no Brasil. Mana. 2000, vol.6, n.1, pp.87-119, p. 113.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 87.

<sup>27</sup> Aqui o autor faz uma ressalva escrevendo que “Já na segunda metade do século XIX idéias parecidas no que diz respeito a uma comunidade psicológico-cultural que uniria todos os descendentes do continente africano surgiu dentro do pensamento panafricanista nos Estados Unidos e nas colônias

África como na diáspora, seriam unidos por serem seres substancialmente mais próximos da natureza do que os brancos”<sup>28</sup>.

Na segunda, surgida

nos anos setenta, em torno do surgimento do novo e mais radical movimento negro norte-americano, emerge a noção de afrocentricidade; as raízes africanas se encontrariam nos genes mesmo [e] determinariam uma maneira particular de sentir, ver e expressar que somente pode ser avaliada dentro de uma ótica afrocêntrica, cuja preocupação é determinar os laços que existiriam entre o comportamento dos negros na Diáspora e a essência do ser africano<sup>29</sup>.

A terceira dessas formulações, se contrapondo a noção de sincretismo, em que as diferenças culturais se encontrariam e se relacionariam de maneira pouco conflituosa, levando ao conseqüente apagamento das diferenças e ao conseqüente híbrido cultural que abarcaria toda a sociedade, postula que as diferentes culturas entram em contato de maneira conflituosa, o que corresponderia a uma luta constante pela hegemonia cultural. A consequência dessa formulação é pressuposição de um contínuo étnico que postularia “uma correspondência direta entre a existência de uma população negra e um sistema formado pelo contínuo comunidade negra, consumo negro, lazer negro, voto negro, lobby negro, liderança negra e políticas públicas em prol desta população negra”<sup>30</sup>.

Fazendo um contraponto a essas três formulações, Sansone chama a atenção para a noção de Atlântico Negro (formulação devedora dos intelectuais ingleses Stuart Hall, Paul Gilroy e Kobena Mercer). Nesta formulação

As interpretações a partir da noção de Atlântico Negro definem as novas formas tomadas pela cultura negra internacional – algo que se dá mais fortemente entre os jovens – como sendo uma função do sistema de lazer e prazer metropolitano universal, estetizante e com seu novo culto do corpo. Em outras palavras, *as culturas negras*<sup>31</sup> seriam algo que se desenvolveu dentro da modernidade e seus fluxos, embora muitas expressões negras – pensamos no rastafarianismo – afirmam uma cultura negra oposta à modernidade. O Atlântico seria o espaço no qual são plasmadas as expressões culturais negras, graças a trocas transnacionais, viagens, culturas da viagem (*travelling*

---

inglesas na África, do pensamento dos padres missionários combonianos no Sudão e da poesia ‘nigrista’ cubana”. *Ibidem*, P.229.

<sup>28</sup> SANSONE, Lívio. Negritudes e Racismos Globais?: Uma tentativa de relativizar alguns dos novos paradigmas "universais" nos estudos da etnicidade a partir da realidade brasileira. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 8, p. 227-237, jun. 1998., p. 229.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 229.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 233.

<sup>31</sup> Grifo meu.

*cultures*), canais abertos pelos intercâmbios coloniais e, hoje, pelas novas tecnologias e pela indústria do lazer ocidental<sup>32</sup>

Assim, Sansone chama a atenção para o dinamismo existente na representação da África e, também nos contextos locais, uma vez que marca que as representações que formulam uma identidade estável, original e unívoca, são predominantemente concebidas dentro do contexto racial norte-americano. De acordo com essas formulações, ser negro seria a dimensão privilegiada e *a priori* que conformaria o sistema de representações. Como já exposto acima, essa rigidez de clivagens macroscópicas deixa de levar em consideração as condições de pessoa, de lugar e de tempo, que são as mais variáveis.

E o Brasil é um terreno bastante fértil para constatar essas variabilidades, uma vez que

O contexto brasileiro prova que pode haver uma (forte) cultura negra sem que esta esteja associada a uma (forte) comunidade negra [...]. Ademais, pode existir, até, cultura negra sem identidade negra; assim como há racismo sem identidade étnica e, em bastantes casos, racismo sem racistas (assumidos). [...] os símbolos da cultura não são sempre usados de forma diacrítica para com os não-negros – eles também podem ser mobilizados para conferir status a um estilo de vida, por exemplo, no âmbito da cultura juvenil. Há aspectos associados com a cultura negra que se justificam, simplesmente por serem descontraídos, prazerosos e divertidos para os negros (e, às vezes, para os não-negros) que os compartilham<sup>33</sup>

O importante aqui é notar que identidades sociais não são construídas de maneira celular, em que a possibilidade de manutenção da mesma se dá no mesmo grau em que esta consegue se isolar e manter fora elementos estranhos, impossibilitando qualquer corrupção do núcleo original e conformador. As identidades são construídas em relação e operam em sua conformação as mais diversas variáveis, daí que a definição do que é tal ou qual identidade, no singular, acaba sempre diminuindo a complexidade dessas representações.

Mais produtivo seria pensá-las em sua pluralidade e nas condições de pessoa, circunstância e tempo em que as representações são mobilizadas, para os mais diversos fins.

---

<sup>32</sup> SANSONE, Lívio. Negritudes e Racismos Globais?: Uma tentativa de relativizar alguns dos novos paradigmas "universais" nos estudos da etnicidade a partir da realidade brasileira. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 8, p. 227-237, jun. 1998., p.230.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 233.

Quando considerados os textos como representantes e não como coisa representada, abre-se a possibilidade do compromisso com o novo, com o contingente que é intrínseco ao mundo social. Nesse sentido, é importante o exerto a seguir de um texto de Alcir Pécora, em que este argumenta que

não perceb[e], hoje, nada mais urgente e imperativo que o esforço de construirmos um vocabulário alternativo para a ideia de pensamento sobre os fenômenos sociais, que chamamos de Humanidades. Padecemos, hoje, do que o historiador Tony Judt chamou, certa vez, de “deficiência discursiva”, uma incapacidade crônica de repensar a vida social como “híbrido” viável, para além dos clichês da noção de coletividade e ainda mais da de “comunidade”, científica ou qualquer outra, pois esses clichês não incorporam pra valer quem venha desafinar o coro<sup>34</sup>.

Retirar o estável e a univocidade da conformação do mundo social é atentar para o fato de que a experiência cotidiana é sempre surpreendida pelo novo, que impõe dinamismo e acomodações no seio das sociedades. As novas ideias, associadas às antigas deslocam as últimas e implicam em uma nova configuração, como chamado a atenção no exerto acima, é preciso incorporar quem desafina o coro, aceitar que disciplina e inveção são um par não antitético.

No que concerne as manifestações tidas como representantes da negritude ou de uma afro-brasilidade, é importante notar que a circunscrição exclusiva de novas linguagens ao âmbito da cultura afro-brasileira, pode ser uma aproximação redutora do potencial de inovação que está contido nesses discursos.

Pode-se colocar como exemplo dessa limitação causada pela circunscrição exclusiva, diretamente ligada a uma identidade étnica (como se esta fosse a dimensão privilegiada para se compreender o mundo), o que concerne a certa representação da população negra como seres intrinsecamente performáticos. Chegando ao ponto de certos teóricos políticos, trabalhando com a noção de esfera pública, tomarem os negros como *diasporic publics*, o que implicaria que essa população valeria-se, fundamentalmente,

da performance, da dança e da música como forma de sua constituição [o que teria como consequência que] a diáspora africana não pôde ser reduzida e retraduzida na dinâmica nacional da política contemporânea. Ao contrário, sempre se verificou uma tensão entre a busca de homogeneidade étnica no contexto de nações modernas e a presença de escravos negros e, depois, de seus descendentes, tratados como inferiores e ameaças aos projetos nacionais. Decorre dessa

---

<sup>34</sup> PÉCORA, Alcir. Letras e Humanidades. Disponível em: <<http://sibila.com.br/cultura/letras-e-humanidades-depois-da-crise/12497>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

posição particular aquilo que Paul Gilroy, referindo-se a Du Bois, chama de dupla consciência dos negros no âmbito da modernidade. Trata-se de uma inserção ambivalente na história, caracterizada, por um lado, pela inclusão efetiva no processo de construção da modernidade e, por outro, pela exclusão sistemática da vida política no âmbito dos Estados-nação<sup>35</sup>

Tomados como essencialmente diferentes, os negros seriam incapazes de se adaptar as normas do Estado moderno.

Em outra chave, seria mais interessante abordar essas manifestações de caráter performático, não como característica de uma alteridade radical entre a população que veio a povoar o solo europeu devido a uma diáspora<sup>36</sup> negra, mas sim como expressões privilegiadas para representar a identidade negra.

Neste sentido, valeria chamar a atenção para outras expressões, que embora formuladas no mesmo contexto social e histórico, e pelas mesmas pessoas, não ganharam relevância como elementos representativos.

Aqui é interessante o exemplo do caso da literatura de horror oitocentista, em que,

por mais que o ‘dispositivo do horror’ convivesse nas mesmas páginas dos jornais com o ordinário da literatura amena, ele deixou de ser reconhecido – ou foi tido por desviante – com a consagração do paradigma crítico realista nos estudos literários brasileiros<sup>37</sup>

Nesse sentido é possível indagar se não foi um certo paradigma que naturalizava o negro como mais emotivo e performático que contribuiu para uma identidade negra amplamente ancorada em manifestações artísticas, em contraponto a racionalidade europeia, típica dos que conformam a esfera pública tal como teorizada por Jürgen Habermas.

Esse tipo de abordagem, que naturaliza a circunscrição dos discursos a determinados grupos ou esferas, e não atenta para a dinâmica implícita na consolidação dessa representações, retira de certos textos o seu potencial inventivo.

---

<sup>35</sup> AVRITZER, Leonardo; Costa, Sérgio. Teoria crítica, democracia e esfera pública: concepções e usos na América Latina. Dados, [s.l.], v. 47, n. 4, p.703-728, 2004. FapUNIFESP (SciELO), p.712.

<sup>36</sup> Como atenta Lívio Sansone, o termo diáspora, além de essencialista, estava “extraordinariamente na moda há cerca de dez anos, em particular entre os autores seduzidos pela perspectiva da existência de uma fase pós-moderna da história. A [seu] ver com o termo Diáspora aponta para aquilo que antes teria sido chamado muitas vezes, simplesmente, de migração, acrescentando, porém, um sentido épico e dramático ao processo”. SANSONE, Lívio. Negritudes e Racismos Globais?: Uma tentativa de relativizar alguns dos novos paradigmas "universais" nos estudos da etnicidade a partir da realidade brasileira. Horizontes Antropologicos, Porto Alegre, n. 8, p. 227-237, jun. 1998, p.229.

<sup>37</sup> DAHER, Andrea (Org.). Passado Presente: Usos contemporâneos do "passado colonial" brasileiro. Rio de Janeiro: Gramma, 2017, p.X.

Mais um exemplo ilustrativo é o caso do *funk* carioca, mais particularmente o chamado *funk* putaria.

O *funk* putaria surge na virada dos anos 2000 no Rio de Janeiro, esse subgênero do *funk* “nasce assim da vontade dos artistas *funk* de potencializar a circulação de suas produções”<sup>38</sup> O *funk* carioca, do qual a putaria é um subgênero, é distinguido estilisticamente pela disputa entre opostos,

Um constante engendrar de imagens e contra-imagens (...) toma o poder estabelecido oficialmente e o gosto a ele associado de modo contrastivo. O *funk* se constrói por oposição ao que parece representar ‘a sociedade’, concebida como ‘externa’, ‘exterior’. Ao mesmo tempo, mostra um claro fascínio sobre esta mesma ‘sociedade’ e suas produções<sup>39</sup>

Ainda reside como traço estilístico na putaria uma composição elaborada sobre “o proibido, o proscrito, o interdito”<sup>40</sup>. Neste sentido, como chamado atenção para o caráter inventivo das artes em geral,

O tricky das letras de *funk* reside nessa elaboração sobre o possível. O seu conteúdo de realidade faz com que mesmo uma empreitada improvável seja vista como claramente possível de ocorrer, como as inúmeras histórias que circulam, muitas vezes informadas pelas letras das músicas, construindo uma espécie de ‘lenda urbana’ sobre a atividade sexual com que se envolveriam os jovens dentro do local da festa. Como disse uma [das interlocutoras de Mizrahi] em campo, quem ‘quer fuder vai pro motel’ e não para o baile.<sup>41</sup>

É possível observar aqui quase uma reiteração do que Pécora escreve sobre Groys e que foi citado mais acima<sup>42</sup>. Assim, ao invés de tomar o *funk* como expressão essencialmente negra, ou mesmo afro-brasileira, a meu ver, se faz mais produtivo refletir sobre o mesmo como expressão discursiva altamente inventiva, desviante, que tem como pressuposto a busca pelo “novo”.

Entretanto, não pode sair do horizonte de reflexão deste ensaio que a circunscrição do mesmo também é um dado riquíssimo a ser analisado, uma vez que

---

<sup>38</sup> MIZRAHI, Mylene. A Música como Crítica Social: lógica dual e riso no *funk* carioca. *Anthropológicas*, Recife, v. 27, n. 2, p.64-96, 2016, p. 69.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 64 – 65.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 76.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 76.

<sup>42</sup> “O sentimento que um pensador ou artista possa ter de “atingir uma evidência” deve ser reinterpretado no contexto dos efeitos produzidos pela comparação de uma idéia nova com outras já conhecidas, e não numa chave de aproximação da verdade. O sujeito da construção artística, nessas condições, é o lugar de uma “incerteza”, de uma “indecidibilidade”, no âmbito de uma comparação deslocadora da idéia nova com as outras conhecidas com as quais entra em relação ou, mais literalmente, em disputa de espaço”. Disponível em: < <http://sibila.com.br/critica/um-lugar-sob-o-sol-do-alem/12730>>, Acesso em: 15 dez. 2017.

quando esse discurso é colocado no seu contexto de circulação e apropriação faz-se possível notar como, com qual intuito, por quais grupos ele é ativado e dotado de sentido.

### 3 Meios

Allan McCollum, artista estadunidense, elaborou uma série de trabalhos, intitulada *Perpetual Photos*, entre os anos de 1982 até 1989. Essa série é exemplar para um dos argumentos que se deseja defender neste ensaio que é o de que a materialidade dos objetos, ou seja, os meios pelos quais estes vem à público, são fundamentais para o entendimento dos usos que são realizados dos discursos e da maneira com que os produtores organizam e tentam controlar a leitura do material que vai ser publicado.

O procedimento realizado para a obtenção da obra artística é o seguinte:

A snapshot is taken from the television screen when a framed artwork is seen on the wall behind the dramatic action. The *Perpetual Photos* are these artworks enlarged again to a normal scale and reframed by the artist for re-presentation in a tangible setting<sup>43</sup>.

Entretanto, o que se evidencia são as inúmeras transformações que se dão pela passagem da imagem da obra pelos diversos meios. Primeiro a obra é retratada em um filme, o que implica a transmissão da imagem do quadro pela televisão, resultando já nesse primeiro momento em uma “deformação”, uma vez que o quadro havia sido elaborado para ser observado por um espectador presente em frente ao mesmo. Em uma segunda metamorfose, essa imagem do quadro, já deformada, é ampliada e convertida em uma fotografia em preto e branco.

O resultado dessas passagens da imagem por diferentes meios resulta em uma obra em que a imagem, de uma obra figurativa, é transformada em uma obra quase totalmente abstrata, uma vez que “once these elements are enlarged, the burry images present both literal records of what has been mechanically recorded and compositions that appear largely abstract”<sup>44</sup>.

Esse exemplo é importante para refletir sobre o impacto que há quando grande parte dos acervos, quer de museus e bibliotecas em geral, quer da Biblioteca Nacional

---

<sup>43</sup> BARTMAN, William S., ed., *Allan McCollum*, Los Angeles: A.R.T. Press, 1996, p.45. apud BUSKIRK, Martha. *The Contingent Object of Contemporary Art*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2003. p.97.

<sup>44</sup> BUSKIRK, Martha. *The Contingent Object of Contemporary Art*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2003., p. 97.

em particular, são digitalizados. Ainda mais quando a digitalização, além de servir ao intuito de preservação, ao salvaguardar uma cópia que não sofre deterioração do mesmo modo que os materiais impressos, também serve ao intuito de difusão dos acervos<sup>45</sup>.

No que concerne a difusão é possível retomar a explicação da introdução sobre a forma com que este é difundido atualmente. Com a *web 2.0* já é possível que seja realizada uma interação em que os usuários deixam de ser um elemento passivo na divulgação da informação e ganhem relevância no próprio processo de catalogação realizado pela instituição.

Com as novas tecnologias o que salta ao primeiro plano é a velocidade da interação entre controle e inovação. Em sites que permitem a *Folksonomia* é possível perceber como os discursos estão sendo utilizados em uma margem de tempo bastante pequena, além de conferir a possibilidade de, por meios estatístico, mensurar se certo uso se inscreve na esfera meramente pessoal e privada, ou se segue uma determinada tendência.

Uma ressalva que tem que ser feita é que a etiquetagem, interpretada por autores da área da ciência da informação como “uma forma de indexação livre, em linguagem natural onde não há controle de vocabulários, regras ou políticas de indexação. [De maneira que] os conteúdos são indexados livremente pelos usuários dos recursos”<sup>46</sup>, não é realizada com essa arbitrariedade que os profissionais dessa área colocam.

Como já exposto mais acima, nenhum discurso ocorre em um vazio discursivo, todo discurso só se torna possível uma vez que sejam atendidas as suas condições de possibilidade, de modo que, como já escrito e reiterado aqui, disciplina e invenção caminham lado a lado, de maneira alguma se opondo termo a termo.

Assim, as práticas de *Folksonomia*, podem servir sobremaneira para que profissionais da informação fiquem a par da “diversidade de possibilidades que se apresentam, em função da internet, para a transmissão e organização da informação”<sup>47</sup>.

---

<sup>45</sup> Pode-se ler no site da BN, na página que explicita as competências e as atividades que devem ser realizadas pela fundação o trecho: “Para difundir a memória nacional e o conhecimento, a BN pratica ações que envolvem produção editorial, programas de tradução e pesquisa. Além disso, a BNDigital e a Hemeroteca Digital também servem a esse propósito. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/sobre-bn/competencias-atividades>>, Acesso em: 15 dez. 2017.

<sup>46</sup> BARROS, Léa Maria de Souza . A folksonomia como prática de classificação colaborativa para a recuperação da informação. 2011. 90 p. PPGCI (IBICT)- UFRJ, Rio de Janeiro, 2011 ,p.17.

<sup>47</sup> *Ibidem*, p.16.



Embora escreva com o enfoque voltado para museus – e aqui o que se procura é uma sugestão de práticas que venham a ser realizadas na Biblioteca Nacional – Myrian Sepúlveda dos Santos, escreve em *Museus Brasileiros e Política Cultural*, sobre como, além de museus, “outras instituições públicas abertas ao público, foram capazes de ordenar, civilizar e disciplinar grandes setores da população. [Apontando] ainda que essas instituições foram importantes para a consolidação do conhecimento enciclopédico”<sup>48</sup>.

Assim, como a catalogação de obras e acervos inscreve e circunscreve determinados textos em determinados nichos, é possível pensar no benefício, tanto para encontrar obras, quanto para formular novos discursos, em

trazer à tona uma nova percepção de justiça, em que indivíduos reagem de forma muito mais ativa ao seu entorno do que no passado, conquistando o direito de rejeitar normas culturais majoritárias e estruturas narrativas de poder e prestígio em sua luta por igual respeito<sup>49</sup>.

## Conclusão

Acessando o site da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) pode-se encontrar quais as competências e atividades que dizem respeito à mesma. Em um pequeno trecho é possível ler que “a Biblioteca Nacional (BN) tem a missão de coletar, registrar, salvaguardar e dar acesso à produção intelectual brasileira, assegurando o intercâmbio com instituições nacionais e internacionais e a preservação da memória bibliográfica e documental do país”<sup>50</sup>. Entretanto, o papel reservado às práticas de digitalização e publicação de conteúdo na web são referidas somente no que diz respeito à preservação do acervo – “para manter e preservar seu extenso e valioso acervo, a BN desenvolve atividades de conservação, restauração, digitalização e microfilmagem”<sup>51</sup> – e à difusão do mesmo – “para difundir a memória nacional e o conhecimento, a BN pratica ações que envolvem produção editorial, programas de tradução e pesquisa. Além disso, a BNDigital e a Hemeroteca Digital também servem a esse propósito”<sup>52</sup> – no que

---

<sup>48</sup> Bennett, 1995; Duncan, 1995, apud SANTOS, Myrian S.. *Museus brasileiros e política cultural*. Rev. bras. Ci. Soc., Jun 2004, vol.19, no.55, p.53-72.

<sup>49</sup> SANTOS, Myrian S.. *Museus brasileiros e política cultural*. Rev. bras. Ci. Soc., Jun 2004, vol.19, no.55, p.53-72, p. 67.

<sup>50</sup> Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/sobre-bn/competencias-atividades>>, Acesso em: 15 dez. 2017.

<sup>51</sup> *Ibidem*.

<sup>52</sup> *Ibidem*.

concerne à captação, os próprios funcionários referem-se a esta prática como o “caminho do livro”<sup>53</sup>.

Uma vez que as categorias – o enfoque na categoria afro-brasileiro se deu de maneira mais aprofundada neste ensaio, mas o intuito foi chamar a atenção para as categorias em geral - não são neutras nem estáticas, o que tem por consequência que os discursos são produzidos e utilizados sempre em uma tensão entre controle e inovação pelos mais diferentes grupos, e levando-se em consideração que atualmente vivemos um período em que a web se tornou fundamental na troca de informações, e com o advento da web 2.0, que permite a interação entre produtores e divulgadores de conteúdo e os usuários deste conteúdo, imagino que subestimar a captação de dados – que também são documentos extremamente valiosos, uma vez que, se usados por pesquisadores preocupados com dinâmicas discursivas, podem elucidar os usos e as estratégias dos discursos, ampliando sobremaneira a crítica a posições naturalizadas que de muito tiram proveito os que se beneficiam da manutenção do *status quo* –, proporcionada pelo funcionamento deste novo meio (web 2.0), seja diminuir o potencial de pesquisa e o fomento ao conhecimento que é uma das missões institucionais da BN.

Defender a importância da captação de dados não é confundir a BN com o Arquivo Nacional, mas atentar para a importância de não só resguardar e divulgar a produção bibliográfica do país, mas também de resguardar e divulgar como esta produção bibliográfica entra na dinâmica social – algo que se tornou extremamente palpável com as novas tecnologias.

## Referências

AVRITZER, Leonardo; Costa, Sérgio. Teoria crítica, democracia e esfera pública: concepções e usos na América Latina. Dados, [s.l.], v. 47, n. 4, p.703-728, 2004. FapUNIFESP (SciELO).

BAPTISTA, Abel Barros. O Livro Agreste: Ensaio de curso de literatura brasileira. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

---

<sup>53</sup> “A captação de obras é feita através do dispositivo de Depósito Legal, de aquisições, doações e do intercâmbio entre bibliotecas. O processamento técnico da obra, chamado internamente de “caminho do livro”, é realizado em três divisões: a de Depósito Legal, a de Serviços Técnicos e a de Bibliografia Brasileira”, Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/sobre-bn/competencias-atividades>>, Acesso em: 15 dez. 2017.

BARROS, Léa Maria de Souza . A folksonomia como prática de classificação colaborativa para a recuperação da informação. 2011. 90 p. PPGCI (IBICT)- UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

BÔAS, Gláucia Villas. Arte e geopolítica: a lógica das interpretações. Sociedade e Estado, Brasília, v. 26, n. 3, p. 487-499, set. 2011.

BORGES, Jorge Luis. Del Rigor en la Ciencia. Disponível em: <<http://ciudadseva.com/texto/del-rigor-en-la-ciencia/>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

BUSKIRK, Martha. The Contingent Object of Contemporary Art. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2003.

CASTRO, Maurício Barros; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Um Verger, Dois Olhares: a construção da africanidade brasileira por um estrangeiro. Cad. CRH. 2016, vol.29, n.76, pp.149-164.

CHARTIER, Roger. A história cultural: Entre práticas e representações. 2 ed. Portugal: Difusão Editorial, S.A, 2002.

\_\_\_\_\_. A história ou a leitura do tempo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

\_\_\_\_\_. "Cultura Popular": revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos , Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, out. 1992.

DAHER, Andrea (Org.). Passado Presente: Usos contemporâneos do "passado colonial" brasileiro. Rio de Janeiro: Gramma, 2017.

FERNANDES, Florestan. A Integração do Negro na Sociedade de Classes. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978. 2 v.

FONER, Eric. Nada além da liberdade : A emancipação e seu legado . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 183 p.

FRASER, Nancy (1990). Rethinking the Public Sphere: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy. Social text, No. 25/26, pp. 56-80.

HANSEN, João Adolfo. Forma e Indeterminação em Grande Sertão: Veredas. Disponível em: <<http://sibila.com.br/mapa-da-lingua/forma-e-indeterminacao-em-grande-sertao-veredas/2251>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

MACHADO, Franciele . Roger Chartier e a noção de representação:: definições e contexto historiográfico francês no século XX. Anais do 8º Seminário Brasileiro de História da Historiografia - Variedades do discurso histórico: possibilidades para além do texto , Ouro Preto, p. 1-11, ago. 2014.

MACHADO, Maria Helena; HUBER, Sasha (Org.). Rastros e raças de Louis Agassiz: : fotografia, corpo e ciência, ontem e hoje. São Paulo: Capacete Entretenimento, 2010. p.11 p.

MIZRAHI, Mylene. A Música como Crítica Social: lógica dual e riso no funk carioca. Anthropológicas, Recife, v. 27, n. 2, p.64-96, 2016.

PÉCORÁ, Alcir. Um lugar sob o sol do além. Disponível em: <<http://sibila.com.br/critica/um-lugar-sob-o-sol-do-alem/12730>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Letras e Humanidades . Disponível em: <<http://sibila.com.br/cultura/letras-e-humanidades-depois-da-crise/12497>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

PERLATTO, Fernando (2015). Seletividade da esfera pública e esferas públicas subalternas: disputas e possibilidades na modernização brasileira. *Revista de Sociologia e Política*, 23(53), 121-145.

SANSONE, Lívio (Org.). *Memórias da África: : patrimônios, museus e políticas das identidades*. 1ª Reimpressão: ed. Salvador: ABA Publicações, 2012. 269 p.

\_\_\_\_\_. Challenges to digital patrimonialization: heritage.org /digital museum of african and Afro-Brazilian memory. *Vibrant, Virtual Braz. Anthr.* vol.10, n.1, pp.343-386, 2013.

\_\_\_\_\_. Negritude, memória da África e o contraponto baiano do açúcar e do petróleo. In: Lívio Sansone. (Org.). *Memória da África: patrimônios, museus e políticas das identidades*. Salvador: EDUFBA, 2012, v. 1, p. 177-212

\_\_\_\_\_. Negritudes e Racismos Globais?: Uma tentativa de relativizar alguns dos novos paradigmas "universais" nos estudos da etnicidade a partir da realidade brasileira. *Horizontes Antropologicos*, Porto Alegre, n. 8, p. 227-237, jun. 1998.

\_\_\_\_\_. Os objetos da identidade negra: consumo, mercantilização, globalização e a criação de culturas negras no Brasil. *Mana*. 2000, vol.6, n.1, pp.87-119.

\_\_\_\_\_. Que multiculturalismos se quer para o Brasil?. *Ciência e Cultura* , São Paulo, v. 59, n. 2, p. 24-28, abr. 2007. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252007000200013](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000200013)>. Acesso em: 15 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Um Campo Saturado de Tensões:: O Estudo das Relações Raciais e das Culturas Negras no Brasil. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 5-14, 2002.

SANTOS, Myriam S.. Os museus Brasileiros e a constituição do imaginário nacional. *Soc. estado*. 2000, vol.15, n.2, pp.271-302.

\_\_\_\_\_. Museus brasileiros e política cultural. *Rev. bras. Ci. Soc.*, Jun 2004, vol.19, no.55, p.53-72.

\_\_\_\_\_. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. *Rev. bras. Ci. Soc.* 1998, vol.13, n.38, pp.-.

**Abstract.** On this essay I intend to point out measures that could be adopted by the National Library Foundation (NLF) concerning their collection. There is a fact that with the development of new technologies - in particular the web 2.0 - it becomes possible that more data is recovered on how discourses are utilized, opening the possibility for better understanding the discursive strategies. That said, the NLF, could act not only on caption, preservation and diffusion of texts, but also on the caption of data about how this texts are used outside the institution.

**Keywords.** Discursive strategies. Web 2.0. Representations. Data caption.